

NAVARRO. Grácia. **Passeio cantante para Pedro**: do território geográfico e imaginário a uma dramaturgia para os largos, as ruas e as praças. Campinas: Grupo Pindorama (CNPq). Instituto de Artes UNICAMP; Docente.

RESUMO

Trata-se de uma ação cênica realizada pelo Grupo Pindorama que labora o conceito de terreiro enquanto espaço de reunião, na rua, evocando um território imaginário a partir dos indícios do território da própria cidade e de ações cênicas. Território comum de transindividualidade, no qual a ação artística contribui para o espessamento do território coletivo, em oposição a posicionar o foco sobre si. Esta dramaturgia acolhe em sua base, a difusão de focos de ação, em oposição a protagonização dos focos das ações pelos artistas, onde espectadores e artistas sobrepõem os estados de atuação e expectativa. Estruturada em um roteiro de ações, que toma a música como base da tecnologia de agregação, promove experiências sequenciadas na lógica da corporeidade e da alegria, enquanto estados transindividuais, que possibilitam a atualização de um estado coletivo de fruição do território ordinário da cidade. A reflexão sobre esta experiência toma como referência Jorge Dubatti, em *O Teatro dos Mortos* (2016), Milton Santos, em *A Natureza do Espaço* (2014) e Muniz Sodré, em *O Terreiro e a Cidade* (2002).

Palavras-chave: Teatro. Dramaturgia. Estética de terreiro. Tecnologia de convivência.

ABSTRACT

This is a scenic action carried out by the Pindorama Group that works on the concept of a terreiro as a meeting space on the street, evoking an imaginary territory from the signs of the city's own territory and scenic actions. A common territory of transindividuality, in which artistic action contributes to the thickening of the collective territory, as opposed to positioning the focus on itself. This dramaturgy takes in its base, the diffusion of focuses of action, as opposed to the protagonism of the focuses of the actions by the artists, where spectators and artists overlap the states of performance and expectation. The dramaturgy is structured in a script of actions. This script has music as the aggregation technology and promotes sequenced experiences. The logic of the body and the joy are sought as transindividual states, which enable the updating of a collective state of fruition of the ordinary territory of the city. The reflection on this experience takes as reference Jorge Dubatti, in *O Teatro dos Mortos*(2016), Milton Santos, in *A Natureza do Espaço* (2014) and Muniz Sodré, in *O Terreiro e a Cidade* (2002).

Keywords: Theater. Dramaturgy. Esthetics of terreiro. Technology of conviviality.

O Passeio Cantante para Pedro é parte do projeto "Da Dramaturgia Das Festas e das Cidades", promovido pelo Grupo Pindorama¹. Este projeto propõe compor dramaturgias com as festas das cidades, em espaços urbanos e de acesso livre para a população, como praças, largos, quintais e ruas. O Passeio Cantante para Pedro, está para o Ciclo Junino - o "São João", presente em todo território brasileiro, bastante intenso na região nordeste e norte, ainda com alguma força em Campinas, estado de São Paulo. No entanto não se trata de promover uma "festa junina", mas sim fazer teatro em uma ação de atualização da tradição junina.

Afirmamos a identidade teatral da ação, amparados na origem ancestral da palavra, conforme Jorge Dubatti a recupera para reafirmar territorialidade, convívio, *poiesis* corporal e expectativa, como componentes do termo. O autor agrega a *théatron*, a palavra grega que conota a idéia de espaço, lugar, convívio e reunião, o verbo *theáomai* no sentido de "ver aparecer": "Vamos ao teatro para ver a *poiesis* aparecer" (DUBATTI: 2017, p. 20). A dimensão de acontecimento, da reunião para ver algo acontecer, da fricção entre os elementos que compõem a dramaturgia "Passeio Cantante", o público, no território da cidade é o conjunto de variantes que nos move enquanto possibilidade de atualização de uma tradição da cultura brasileira.

O Passeio torna-se material em três produtos: o primeiro: a ação teatral, a narrativa em ato; o segundo: feiras de bandeirinhas de tecido que permanecem como vestígio na cidade; e o terceiro: uma série fotográfica que documenta em poética visual a ação teatral no seu território, deixando registrado o adensamento social com o patrimônio histórico que se formava naquele espaço, naquela data, na sucessão dos anos. O Passeio foi concebido para a região central da cidade de Campinas, no estado de São Paulo, conhecida como "marco zero", onde começou a cidade, no século XVIII, em 1774, com o nome de Freguesia de N. Sra. da Conceição de Campinas do Mato Grosso. O "marco zero" compreende as Praças Bento Quirino, na qual está a Igreja do Carmo e a Praça Antonio Pompeu, onde está o túmulo monumento a Carlos Gomes e o prédio do Jockey Club.

¹ Grupo Pindorama: Grupo de estudos e performances artísticas em estética de terreiro. Parte do diretório de grupos do CNPq, sediado no Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da UNICAMP. Visite o site <https://www.grupopindorama.com>

O Largo do Carmo Campinas São Paulo Brasil



Passeio Cantante 2016. Foto de Maycon Soldan

O Largo da Igreja do Carmo é epicentro desta dramaturgia, que tem inspiração nas procissões de santos católicos, especialmente na sequência de procissões e translados de santos e de quantidades volumosas de pessoas, que a semana santa promove, evento do calendário da igreja católica, que tem interesse próprio e específico, descolado da função religiosa. A semana santa é uma teatralidade muito complexa e de grande eficiência, forma teatral muito interessante que soma a representação que se vê em ato, o território ocupado por essa representação por centenas de anos ininterruptamente. Escritura dramaturgica que se dá em um imbricamento sofisticado entre a representação em ato, a memória de todas as representações que se viu antes, o território geográfico e a relação de convívio, onde tão importante quanto o lugar dos atores que representam, é o lugar dos espectadores. Provoca-nos especial interesse as semanas santas das cidades coloniais como por exemplo São João del Rei em Minas Gerais, fundada em 1713, e Salvador na Bahia, fundada em 1549.

No dia 27 de junho, no Largo do Carmo de Campinas, ocorreu um jantar oferecido por religiosos, da organização Toca de Assis de Campinas,

especialmente para os moradores, em situação de rua, do centro da cidade. Os irmãos da Toca adornaram a praça com bandeirinhas de jornal e serviram sopa de mandioca com carne seca, cachorro quente, canjica, amendoim, pipoca e refrigerante. É com esse jantar que o Passeio se fez.

Para escrever sua dramaturgia, vou descrever o roteiro de ações que dá corpo a narrativa: Ação 1: “O Baile”; Ação 2: “A Dança do Tipiti”; Ação 3: “O Fogo que anda”; Ação 4: “As Fieiras de Bandeirinhas”; Ação 5: “A Fotografia com Carlos Gomes”. Cada ação tem uma “duração”, um tempo de vibração deixando acontecer um estado de convivência específico de adensamento em oposição a ideia de clímax e resolução.

O Passeio começa na Praça Bento Quirino, em frente a Matriz do Carmo. A primeira ação, “O Baile”, ocorre enquanto a comida está sendo servida, o Grupo Pindorama, liderado pelo músico e cantor Inácio BerraVaca², toca, forró, xotes, baiões e quadrilhas, quando é criada uma situação de baile, de quermese dos interiores brasileiros. O público vai se envolvendo e passa a dançar e cantar, pedir pra tocar os instrumentos e um repertório junino começa a ser “publicado” a partir da memória dos que ali estão.

“O Baile”



Passeio Cantante 2018. Foto de Raielle Mazzarelli.

² Inácio BerraVaca é músico e cantor. Pesquisador e atuador do Grupo Pindorama.

A segunda ação é a “Dança do Tipiti”, que consiste em dançar em torno do tipiti, com o tipiti, portando o tipiti. Para o Passeio Cantante, o tipiti, trás o sentido de mastro, objeto comum às festas populares brasileiras, muitas delas como por exemplo: congados, folias, festas juninas, festas de santos.

“A Dança do Tipiti”



Passeio Cantante 2018. Foto de Raielle Mazzarelli.

Os mastros são preferencialmente de madeira e adornados com múltiplos materiais indiciais de fartura, desejos e gratidões: são penduradas frutas, bebidas, dinheiro, santos, bandeiras, papel colorido, cera de ex-votos e toda sorte do que se convencionou ou se promete colocar no mastro. O que é comum entre eles é que são plantados na terra e se avultam para o alto, representando um espaço tempo extraordinário, sobre o espaço tempo cotidiano, que terá início quando o Mastro for erguido e finalizado com a “derrubada do mastro”, quando o espaço tempo especial termina e a vida volta para sua dimensão ordinária. No Passeio Cantante o mastro é o tipiti, feito de palmeira. Esse utensílio amazônico de tirar o tucupi da mandioca, chegou ao Grupo Pindorama, em Campinas, pelo correio, enviado pela mãe do Ysmaille,

artista e pesquisador do grupo³. Veio da cidade de Castanhal, no Pará, atravessou 2.743,2 km, em resposta a Ysmaille que quando buscou um mastro, no seu imaginário, encontrou o tipiti, então, dona Maria de Lourdes os remeteu para nós, agora já são quatro tipitis no acervo do Grupo Pindorama. Os tipitis adornados com fita de luz em Led trazem uma reminiscência de luzes de quermese, parque de diversões, alegria barata das festas populares. Os tipitis dão suporte a inúmeras metáforas transportando o espectador participante a estados de travessia de portais, cavalgadas, doma de serpentes, entre outros tantos que as imaginações são o meio para a transportação que a metáfora provoca.

Na sequência, a terceira ação: “O Fogo que Anda”, uma fogueira, sobre um carrinho de mão, é puxada pelo grupo constituindo uma ação de duração ao se deslocar formando um cortejo, que vai agregando pessoas, enquanto atravessa o “marco zero” da cidade, partindo da Igreja do Carmo, pelo centro do Largo, atravessando a rua Benjamin Constant, em direção ao Monumento Túmulo de Carlos Gomes, obra do escultor Rodolfo Bernadelli, na Praça Antonio Pompeu, onde foi enterrado o famoso compositor e maestro campineiro, em julho de 1905.

“O Fogo que Anda” com Alessandro Oliveira⁴ seguido por Grácia Navarro



³ Ysmaille Ferreira é multiartista, doutorando do programa de pós graduação em Artes da Cena, no Instituto de Artes, da Unicamp. É pesquisador e ator do Grupo Pindorama.

⁴ Alessandro Oliveira é pesquisador colaborador do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UNICAMP. Pesquisador e ator no Grupo Pindorama.

Passeio Cantante 2018. Foto de Raielle Mazzarelli.

Durante o deslocamento do cortejo, a quarta ação vai se fazendo quando feiras de bandeirinhas de tecido, de chita estampada, colorida, vão sendo estendidas, deixando um rastro, que funcionará como vestígio da ação, quando não estivermos mais no local.

“Das Fieiras de Bandeirinhas” sendo colocada por Padu Cecconello⁵



Passeio cantante 2017. Foto de Luiza Navarro.

Ao chegar ao Monumento, Obra de Arte Pública, ponto turístico da cidade, onde está sepultado o maestro, posamos para o derradeiro dispositivo, “Foto com Carlos Gomes”. Neste final temos todas as ações sobrepostas e sustentamos a vibração provocada pelo adensamento da sobreposição das ações cênicas, da população local e da arquitetura da cidade.

Ao aliar território histórico e central da cidade, com cidadãos moradores das ruas, procedentes de múltiplas origens, no mês das festas juninas, cria-se uma densificação que produz uma poética cênica de atualização da tradição junina brasileira. Poética única não repetível, que soma à condição de território central da cidade e de referência histórica, as ações cênicas: “O Baile”; “A Dança do Tipiti”; “O Fogo que anda”; “As Fieiras de Bandeirinhas”; “A Fotografia com Carlos Gomes”.

⁵ Padu Cecconello é pesquisador e ator do Grupo Pindorama.

“Fotografia com Carlos Gomes”



Passeio Cantante 2018. Foto de Raielle Mazzarelli.

A rua é em si constitutiva da Dramaturgia que propomos, não se trata de fazer "teatro de rua" ou "teatro na rua", mas fazer teatro com a rua. Considerando a dimensão geográfica e social da sua constituição conforme compreendemos a partir de Milton Santos, em “A natureza do espaço” (2014), quando o geógrafo afirma que a globalização fez redescobrir a corporeidade. O corpo como uma certeza sensível é percebido diante de um universo difícil de apreender na vertigem da velocidade, na frequência dos deslocamentos, na banalidade do movimento, nas alusões a lugares e coisas distantes. Em Milton, A cidade é o lugar de mais mobilidade e encontros. A anarquia atual das cidades grandes asseguram um maior número de deslocamentos, intensificando a geração de relações interpessoais.

Somamos a perspectiva de Milton Santos, a “lógica do lugar”, ponto de vista de Muniz Sodré em o Terreiro e a Cidade, lá o autor recorta como específico da “lógica do lugar”, a valorização da proximidade, do contato, da aproximação – o que não quer dizer não brigar, não ter conflito, mas sim empenhar a aproximação enquanto reconhecimento da necessidade do outro. A lógica do lugar também é uma lógica do corpo onde o pensamento atravessa o corpo. É um tipo de pensamento, de filosofia, que Muniz Sodré chama de “a

toque de tambor”, a qual envolve a questão da espacialização, a questão da música como tecnologia de agregação de gente, como lógica da territorialização e de valorização do corpo presente. Para Muniz esta lógica, é um legado fomentado nos terreiros religiosos afro descendentes brasileiros.

A música e as ações em um espaço cênico contínuo com o espaço do público, propicia uma transportação dos participantes para um território imaginário, estabelecendo um estado transindividual envolvendo atores e espectadores. Redimensionando esta perspectiva para o micro cosmo do Largo do Carmo, procuramos interagir com a densidade local, fazendo com a densidade, ficando com a densidade, compondo o espessamento desta densidade como artistas. Provocando um tempo extraordinário, dentro do cotidiano, na sustentação de uma dramaturgia de duração que instaura experiências sequenciadas que permitem, no corpo e corpo, a diversidade comunicar-se e passear pela cidade, vivenciando um estado de pertencimento a um território imaginário, que tem em comum a vida que quer viver – tudo isso e mais nada!

Durante todo o Passeio Cantante há a atuação de uma fotógrafa artista, cuja presença densifica a ação teatral, em uma atuação que deve plasmar o momento único que une artistas e espectadores ao patrimônio arquitetônico da cidade. Esta ação é uma produção paralela que vai revelar algo só possível na materialidade fotográfica, posto que a densificação da ação se dá de forma que os atores tenham controle parcial da estética que se forma. A fotografia da ação teatral com a rua, embora não terá captada a qualidade da efemeridade teatral, captará indícios da experiência convival. A fotografia não será um registro fotográfico da ação teatral, mas sim uma criação em si.

A dramaturgia que propomos acolhe em sua base, a difusão de focos de ação, em oposição a protagonização dos focos das ações pelos artistas. Os artistas sustentam as ações cênicas e a sequência de duração de cada uma delas, no entanto os desdobramentos que ocorrem durante a sustentação de cada ação, na relação corpo e corpo no espaço tempo extraordinário da atuação, sobre o espaço tempo ordinário da cidade, toma uma dimensão inenarrável diante do poder de transportação da metáfora teatral, aliada ao território de pertencimento físico geográfico da cidade: o centro de Campinas e ao território de pertencimento imaginário: as festas juninas. Sendo assim

acreditamos que o Passeio Cantante é uma ação teatral de atualização da tradição de festas juninas brasileiras, que soma à dimensão de teatralidade, a dimensão de tecnologia de convivência que os espaços da cidade promovem.

O Passeio cantante é feito uma vez ao ano, no mês de junho, no dia possível mais próximo de 29 de junho, dia de São Pedro, no mesmo lugar. Fizemos três anos consecutivos: 2016, 2017 e 2018. A série fotográfica de cada um deles está disponível no site do Grupo Pindorama: <https://www.grupopindorama.com/passeio-cantante-para-pedro>

Este artigo é parte da pesquisa que está sendo realizada no Laboratório de Dramaturgia do Departamento de Artes Cênicas da UNICAMP, ancorada no projeto “Dramaturgia brasileira: o popular, a sacralidade, o contemporâneo”, liderado pela Profa. Dra. Larissa de Oliveira Neves, tendo a Profa. Dra. Grácia Navarro e Profa. Dra. Isa Kopelman, como pesquisadoras associadas.

Feira de Bandeirinhas em frente ao prédio do Jockey Club de Campinas



Passeio Cantante 2018. Foto de Raielle Mazarelli

Referências

DUBATTI, Jorge. **Teatro dos mortos**. São Paulo: Edições SESC, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

SODRÉ, Muniz. **O espaço da África no Brasil**. Nós Transatlânticos; Biblioteca audiovisual com foco voltado para o processo de construção social da cultura afrodescendente no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8asUpAkFbu4>. Acesso em: 2018.